

DO INDUSTRIAL AO PÓS-INDUSTRIAL: TRANSIÇÃO E DIVERSIDADE URBANA - LX/BCN

Ana Luísa Brandão e Pedro Brandão -IST (Lisboa)

Abstract

Nesta comunicação propomos uma discussão focada na transformação da “cidade industrial” para a “cidade pós-industrial”. Baseando-nos numa leitura interdisciplinar, propomos uma reflexão sobre os períodos de transição, como momentos de construção de identidades e oportunidades futuras.

Na problemática actual da cidade, o crescimento da escala metropolitana, as distintas formas de organização espacial, social, económica e cultural e a diversidade dos contextos urbanos emergentes, não permitem traduzir facilmente, num modelo único, a ideia de “cidade pós-industrial”. A instabilidade das mutações da cidade contemporânea manifesta-se em contextos de incerteza, que levam a questionar o planeamento e geram maior dificuldade no desenho urbano. A inconstância da transição parece trazer, não só aos profissionais do desenho, mas também aos decisores, agentes, actores e aos próprios habitantes, indeterminações, dificuldades de entendimento, de leitura e de aceitação da transformação. Podemos observar estas questões e tensões, patentes no próprio espaço público: nas intervenções, nos discursos produzidos e nos símbolos criados.

Concretamente apoiamos a análise em exemplos de transformação pós-industrial:

- Na Margem Sul do Tejo, o território expectante de centralidade e protagonismo na antiga Cintura Industrial da Área Metropolitana de Lisboa;
- Em Barcelona, o projecto *22@Barcelona*, operação de transformação de usos e regeneração no bairro industrial do *Poblenou*.

Concluimos com a avaliação da diversidade ou heterogeneidade urbana, como conceito e factor estratégico para manter várias possibilidades e alternativas em aberto, nos momentos indefinidos das mutações da cidade e das identidades colectivas. Avançamos uma hipótese de trabalho: no processo de transição podemos trabalhar com a sobreposição de ciclos de transformação (emergentes e decadentes), resultando o processo, menos da substituição ou da dominância dos modelos, e mais da base da adaptabilidade da cidade.

Palavras-chave – Transição, Cidade Industrial, Cidade Pós-industrial, Diversidade, Barcelona, Margem Sul do Tejo.

Resumen

En esta comunicación discutimos la transformación que va de la “ciudad industrial” a la “ciudad posindustrial”. Basándonos en una lectura interdisciplinar, proponemos una reflexión sobre los periodos de transición, como momentos de construcción de identidades y de oportunidades futuras.

En la problemática actual de la ciudad, el crecimiento de la escala metropolitana, las distintas formas de organización espacial, social, económica y la diversidad de los contextos urbanos emergentes, no permiten traducir fácilmente, en un único modelo, la idea de “ciudad posindustrial”. La inestabilidad de las mutaciones de la ciudad contemporánea se manifiesta en contextos de incertidumbre, que cuestionan el planeamiento y generan una mayor dificultad en el diseño urbano. La inconstancia de la transición parece traer - no solo a los profesionales del diseño, sino también a los gestores, agentes, actores y a los propios habitantes - indeterminaciones, dificultades de entendimiento, de lectura y de aceptación de la transformación. Podemos observar estas cuestiones y tensiones, en el propio espacio público: en las intervenciones, en los discursos y en los símbolos creados.

Concretamente suportamos el análisis en ejemplos de transformación posindustrial:

- En la *Margem Sul do Tejo* (orilla Sur del Estuario del Tajo), un territorio expectante de centralidad e protagonismo, en el antiguo cinturón industrial de la Área Metropolitana de Lisboa;
- En Barcelona, el proyecto 22@Barcelona, una operación de transformación de usos y regeneración en el barrio industrial del *Poblenou*.

Concluimos con una evaluación de la diversidad o la heterogeneidad urbana, como concepto y factor estratégico para mantener varias posibilidades y alternativas en abierto, en los momentos indefinidos de las mutaciones de la ciudad y de las identidades colectivas. Avanzamos sobre una hipótesis de trabajo: en el proceso de transición podremos trabajar con la superposición de ciclos de transformación (emergentes y decadentes), resultando el proceso, menos de la substitución o de la supremacía de los modelos y más de la base de la adaptabilidad de la ciudad.

Palabras-clave – Transición, Ciudad Industrial, Ciudad Posindustrial, Diversidad, Barcelona, Orilla Sur del Tajo

Abstract

In this communication we discuss the transformation of the “industrial city” to the “post-industrial city.” Based on an interdisciplinary approach, we propose a reflection about transition periods - as times of construction of identities and future opportunities.

In the contemporary city, the growth of metropolitan scale, different forms of spatial, social, economic and cultural organization, and the diversity of emerging urban contexts, do not allow to define the idea of “post-industrial city”, in a single model. The instability of the mutations on the contemporary city is manifested in uncertainty contexts, questioning the action of planning and generating difficulties



Fig. 1 Transição: o que emerge do que decai. O estuário do Tejo e a Margem Sul do Tejo
(Fonte: autora)

in urban design. The fickleness of transition seems to carry – to professional designers, decision-makers, agents, actors and even inhabitants - indeterminacies, difficulties in understanding, in reading and accepting change. We can observe these issues and tensions reflected in the public space: in new projects, in the discourses produced and symbols created.

Specifically we support the analysis in examples of post-industrial transformation:

- On *Margem Sul do Tejo* (South Bank of Tagus Estuary), a territory expectant for centrality, in the old Industrial belt of Lisbon's Metropolitan Area;
- In Barcelona, *22@Barcelona* project, a operation of uses transformation and regeneration of the industrial neighborhood of Poblenou.

We conclude with an assessment of urban diversity or heterogeneity, as a concept and a strategic factor for maintaining multiple possibilities and options open, in undefined moments of mutations of the city and its collective identities. We present a working hypothesis: in the transition process, we can work with the overlay of cycles (emerging and declining), there resulting a process of less replacement of models and more adaptable base of the city.

Keywords – Transition, Industrial City, Post-industrial City, Diversity, Barcelona, Tagus South Bank

Introdução

Nesta comunicação promovemos uma discussão focada no contexto em transformação da cidade industrial para a cidade pós-industrial. A variedade dos contextos urbanos que hoje são emergentes não permite traduzir facilmente num modelo único, a ideia de “cidade pós-industrial”, como acontece quando designamos uma cidade como “agrária-tradicional” ou “industrial-moderna”. Assim, o problema que queremos aprofundar é em primeiro lugar como caracterizar um modelo (ou modelos) daquilo a que designamos “Pós-Industrial”. Em segundo lugar, como se faz a transição entre um e outro modelo, isto é, como manter neste processo de transição, determinadas funções existentes na cidade e como introduzir acções de mudança, num contexto de diversidade das escalas da identidade urbana.

É um facto que as cidades contemporâneas já não têm como elemento dominante a produção industrial, e que outras actividades do sector terciário, mais ligadas aos serviços e ao lazer se vêm ampliando e diversificando. Mas a queda do enfoque produtivo da cidade, não conduziu só por si, à constituição de uma nova identidade urbana, como modelo uniforme de cidade. Em vez de uma única característica, podemos constatar nas cidades contemporâneas diversos traços, com maiores ou menores incidências:

- Globalização
- Escala metropolitana
- Redes de mobilidades
- Eventos
- Tecnologias de informação e conhecimento
- Actividades culturais
- Lógicas de Consumo
- Turismo
- Multiplicidade de estilos de vida
- ...

De entre estes traços, salientamos a vasta dimensão territorial da cidade contemporânea, com novas formas de organização e um processo de crescimento e expansão pelo território, que vem modificando e alterando as configurações espaciais tradicionais. No entanto essa característica é comum não só ao que designamos em geral como “pós-industrial”, mas também a outros modelos da “cidade alargada” bem distintos. Os casos do *sprawl* urbano nas cidades dos Estados Unidos da América, o surgimento das grandes metrópoles africanas ou a explosão das novas regiões urbanas asiáticas, correspondem a processos rápidos de transformação e de ampliação de escala da cidade, fundamentando muitas outras distinções nas relações cidade-território.

A cidade pós-industrial também não pode ser definida apenas pela alegada tendência para a uniformização, com a perda ou redução de identidades locais resultantes de processos de globalização. Enquanto alguns dos aspectos económicos, parecem conduzir a uma uniformização dos ambientes do consumo, outros podem acrescentar diversidade: por exemplo os provenientes de migrações, da oferta de eventos específicos ou da crescente variedade de paisagens e espaços públicos, em que estejam representadas essas identidades.

Decorrente de processos de globalização, a problemática da instabilidade territorial no mundo contemporâneo é amplamente discutida por muitos autores, identificando as características da nova Cidade, (Harvey, 2004), (Castells, 2003). Na teoria urbana contemporânea, encontramos muitos aspectos dessa cidade e da sua relação com a inconstância: Ascher (1995) explica uma cidade grande, heterogénea, descontínua, móvel e complexa, com novos desafios para os profissionais urbanos. Muitas outras teorias do crescimento e regeneração urbana referem a diversidade como qualidade e atribuem-na a processos específicos como o da criatividade (C. Landry, 2000)(Florida, 2002), da sustentabilidade (Rogers, 1999), da cidadania (Borja,2003).

A discussão que propomos, sobre a transição da cidade moderna-industrial para uma cidade com maior indeterminação - que podemos chamar pós-industrial, pós-moderna ou contemporânea - tem a intenção de promover uma visão evolutiva sobre os processos urbanos. Uma visão menos focada numa substituição total dos modelos, e mais centrada num potencial de transformação gradual, aberto a diferentes alternativas, conduzidas pelo conceito de diversidade.

Avaliaremos, como objectivo final após visita de estudo a dois exemplos, em Barcelona e em Lisboa, se a diversidade e heterogeneidade urbana, podem resultar da adaptabilidade das cidades durante momentos indefinidos de transição. Poderemos então admitir, como hipótese, que a formação de novas identidades urbanas se desenvolve nesses períodos. E neste sentido trabalhar sobre a sobreposição dos ciclos (da decadência dum modelo para a emergência de outro), o que permitirá mais possibilidades para diversificar, não circunscrevendo a Identidade a um modelo único de pós-modernidade.

1. Sobre períodos de transição entre modelos: a tensão identidade/diversidade

Nos processos de transição entre modelos, nomeadamente da cidade industrial para a pós-industrial, os momentos de tensão entre Identidades estão presentes, em função dos diferentes “modelos de cidade”. Neste contexto, assistimos a uma tendência para a uniformização quando aquilo que emerge é orientado predominantemente para o consumo e para o lazer global, ou para actividades exclusivas ou excludentes (como o acesso às redes de comunicação e mobilidade). Encontramos estes exemplos - num aeroporto, num “resort” turístico massificado, num recinto de feiras e congressos e em muitos outros espaços urbanos – onde o global se sobrepõe ao local, fazendo recurso a certo tipo de qualidades dos espaços.

Mas hoje pode-se constatar que face à crise actual, os modelos “globais” (Sassen, 1991) contêm óbvias insustentabilidades. Sobretudo no predomínio de lógicas dominantes e homogeneizadoras - da produção e do consumo - cuja continuidade no tempo é pouco sustentável. Nas “paisagens genéricas” a redução da diferença inclui o aumento dos traços da uniformidade, a reprodução de standards universais, as cidades “disneyficadas” (Sorkin, 1994), o “starsystem”, o exibicionismo da afluência nos “oásis-resorts” do Dubai (Bourdin, 2010), as dispersões urbanas do “sprawl”, ou a “Urbanização” genérica (Muñoz, 2008).

Os elementos de uniformização aumentam à medida que se desenvolve o modelo, mas atenuam-se quando, por exemplo, permanecem elementos vivos da cultura local, sobreviventes de uma identidade anteriormente dominante. A diversidade apoia-se em novos factores como as várias dimensões de novas pertenças do urbano - bairro, cidade, metrópole, região - e também na convivência, num mesmo espaço urbano, de múltiplas identidades (género, idade, cultura...).

Estamos, na cidade actual, num contexto de transição de modelos, mas também já num contexto de crise, com insustentabilidades, daquilo que considerámos poder

ser a “cidade pós-industrial”. Colocamos uma hipótese: certamente na transição das cidades industriais para as pós-industriais, haverá circunstâncias e resultados diferentes. A verdadeira diferenciação dos ambientes urbanos poderá ser feita pela compreensão do que é a transição e a incerteza que nela está implicada.

Começemos por considerar a transição, não só como estágio intermédio e “inacabado” de um determinado modelo, mas como um verdadeiro processo: a re-construção e representação do espaço da urbanidade (Lefebvre, 1974). Uma abordagem da transformação a partir da gestão dos factores temporais mais relevantes e da identificação de indeterminações, promovendo opções de flexibilidade, pode valorizar a diversidade de opções e possibilidades.

Na tentativa de lidar com a indeterminação numa cidade “líquida” (Bauman, 2001), alguns autores apresentam outras abordagens ao projecto urbano, como parte do processo de transformação urbana: economia e graus de liberdade entre as partes do projecto (Carmona, 2003), adopção de mecanismos de regulação variável (Portas, 2003), definição de cenários (Secchi, 2007), ou integração da negociação e da participação no processo de desenho (Remesar, 2000). Na gestão da incerteza, a diversidade dos actores urbanos e das possibilidades de actuação, coloca também uma questão de governança urbana, e amplia-se o sentido do espaço público para os espaços de comunicação (Habermas, 1997), tentando valorizar mais os “processos” e o “software” no desenho urbano.

Hoje, a viabilidade do planeamento e do projecto reflectem-se na necessidade de ferramentas negociais e de “mecanismos” de regulação – nos seus aspectos estratégicos e estruturantes - que já não podem ser fechados e “determinados”, devendo antes ser abertos e flexíveis, como é o caso do espaço público, moldura base para as formas de transição.

2. Exemplos na transição pós-industrial: símbolos, identidades e incertezas

Para explicar as possibilidades da transição, num pequeno estudo de “viabilidade”, evidenciamos dois casos de territórios, um em Lisboa, outro em Barcelona, numa perspectiva temporal da gestão dos processos de transformação. Como lemos as marcas dos diferentes ciclos, em sobreposição, no antigo pólo industrial de Barcelona? E que indicações retiramos para as opções em aberto, nas margens do rio Tejo em Lisboa?

- Na Área Metropolitana de Lisboa, na margem sul do rio Tejo, um conjunto de antigas zonas industriais desactivadas, agora expectantes de investimentos transformadores encontra-se num impasse da sua regeneração.

- O projecto *22@Barcelona* é um processo de regeneração de um tecido urbano industrial, na perspectiva de compatibilizar usos existentes com novos objectivos de uma “sociedade do conhecimento”.

Pode a “reciclagem” de estruturas industriais representar um potencial de diversidade na regeneração urbana?



Fig. 2 Área de intervenção do projecto 22@Barcelona, no bairro do Poblenou (Fonte: www.22barcelona.com)

a) Poblenou e 22@Barcelona: de pólo industrial à cidade do conhecimento

Na zona levante de Barcelona, o bairro do *Poblenou* cresceu e desenvolveu-se ao longo dos sécs. XIX e XX como um dos pólos industriais mais importantes da Catalunha. A forte ocupação industrial, manifestou-se não só na estrutura urbana, mas também na coesão social, numa identidade própria e vida social activa, que se mantêm actualmente (Arranz, 1991). Pelo contrário, o declínio industrial iniciado nos anos 60, trouxe não só o abandono de instalações fabris, mas também uma acentuada quebra de actividade económica, degradação da paisagem urbana e perda de referências de um determinado modelo de cidade.

Num contexto de regeneração urbana da cidade de Barcelona, surge no final da década de 90 o projecto *22@Barcelona* (22@). É apresentado como uma operação de renovação urbana e económica de antigas zonas industriais, que promove um modelo de cidade compacta e diversa com aposta numa mistura de usos, funções e tipologias. O objectivo expresso da intervenção é “redireccionar” a vocação e tradição produtiva do *Poblenou* para sectores científicos, tecnológicos e culturais, constituindo uma plataforma de inovação e de economia do conhecimento de âmbito internacional (Oliva, 2003).

O projecto é lançado através de uma alteração ao planeamento vigente que define o enquadramento, as regras e critérios e estabelece usos admitidos para transformação e da criação de uma agência pública que gere todos os processos urbanos e económicos.

Os novos critérios reconvertem a baixa ocupação típica das zonas industriais para outros mais densos, possibilitando a edificação em altura, libertando solo para usos públicos – com cerca de 30% do solo industrial destinado a equipamentos, zonas verdes e habitações com protecção oficial. Ao mesmo tempo, permite uma reurbanização (infra-estruturação e definição da malha Cerdá) progressiva do sector, projectando uma imagem urbana mais coesa e compacta.



Fig. 3 Transformação urbana no Poblenou (Fonte: en.wikipedia.org/wiki/El_Poblenou)

Viabilidade da transição “alongada”: diversidades, resistências e possibilidades

Num caso deste tipo, onde o processo de transformação já se prolonga por uma década, podemos estudar como se estabelece a transição entre modelos e como é que esta se formaliza no território urbano, nas manifestações sociais e na vertente económica, particularmente na relação entre a identidade e a diversidade.

1. A transformação desenvolve-se faseada no tempo, com intervenções parciais que incidem na unidade base do quarteirão, permitindo incorporar estruturas e elementos pré-existentes. Esta estratégia pode resultar numa diversidade de actividades, tipologias e espaços com possibilidades de uma transição onde coexistem vários modelos e hipóteses. Porém, a preferência de um determinado modelo económico, ou o favorecimento de determinadas maneiras de intervir, podem reduzir esta diversidade potencial e afastar outros actores com menores capacidades (Marrero, 2003).

2. Um sentimento de reserva ou recusa da mudança em curso, constata-se na comunidade, apesar das melhorias introduzida em alguns domínios. A sequência de transformações, a partir da destruição de estruturas e elementos existentes, modificam a paisagem urbana e diminuem referências consolidadas (Tatjer, 2008). A perda da actividade industrial, a chegada de nova população residente que gentrifica o bairro e o aumento do sector terciário, parecem na situação actual não constituir referências localmente consideradas positivas, mas reflectir uma conjugação de interesses privados, imagens de espectacularidade e artifícios icónicos, exteriores.

3. Integrando estes dois pontos (diversidade de actividades e identidade do bairro), destacamos a importância das questões relacionadas com a herança industrial: o tratamento dado ao património industrial, a manutenção e a promoção de actividades produtivas e do carácter identitário operário do bairro. Esta questão tem vindo a ser dinamizada por entidades locais, associações de moradores e grupos profissionais e académicos, tanto na investigação histórica, como na participação em processos de reivindicação ou na criação de alternativas à transformação actual. Uma gestão equilibrada destas questões, pode assegurar elementos de continuidade na transição industrial / pós-industrial, constituindo uma transformação mais estável e bem acolhida.



Fig. 4 Universitat Pompeu Fabra e Can Framis - Espaços industriais recuperados para usos públicos
(Fonte: Alejo Bague - <http://www.e-architect.co.uk> e Pedro Pegenaute - [www. http://plusmood.com](http://plusmood.com))

Na perspectiva de que o processo 22@ continuará nos próximos anos (décadas) a marcar a transformação do *Poblenou*, podemos identificar desafios futuros. Num cenário de retracção da economia e de crise do imobiliário, será possível encontrar alternativas de regeneração? Como integrar na regeneração, verdadeiros processos de participação e negociação com os vários actores com influência no território?

A produção do espaço público, que hoje é já um “palco” relevante das transformações e resistências, como uma ferramenta da transição industrial/pós-industrial, oferecendo uma base para o diálogo entre os factores emergentes e os elementos passados, evidencia a diversidade. Durante a transição, a produção do espaço público, ocorre na reinterpretação de espaços “tradicionais” ou na criação de novos espaços que respondem a desejos de transformação, criando relações e conduzindo identidades múltiplas. Aqui podem-se incluir as que decorrem da sobrevivência não só de testemunhos, mas também de algumas possibilidades de conservação de funções produtivas. Tal implica que o espaço público urbano seja aberto a interpretações e adaptações ao longo do tempo.

b) A Margem Sul do Tejo: desindustrialização, incertezas e potencialidades

O território da Margem Sul do Estuário do Tejo, frente a Lisboa, com um passado de actividades relacionadas com o rio e de interacção com Lisboa, desenvolve-se sobretudo a partir de grandes investimentos industriais e dos fluxos migratórios que o acompanharam no século XX. As ligações a Lisboa, sobretudo as pontes e as rodovias fomentaram nos anos 60 a 80, processos de suburbanização e crescimento desregrado, ao mesmo tempo que se iniciam os processos de desindustrialização. Sujeito a vários processos de crescimento, este território é hoje marcado por realidades contrastantes e diferentes dinâmicas políticas, sociais, económicas, culturais e urbanas, espelho da complexidade da cidade pós-industrial.

A estratégia territorial do PROTAML¹ de 2002 (e da revisão em curso) indica um cenário de revalorização metropolitana, introduzindo a ideia de uma “cidade de duas margens”, ancorada no estuário do Tejo como o principal espaço da estrutura metropolitana, reequilibrando o modelo dependente de Lisboa. Aqui ganha relevância a unidade territorial “Arco Ribeirinho Sul” - faixa ribeirinha que se

¹ Plano Regional de Ordenamento do Território da Área Metropolitana de Lisboa

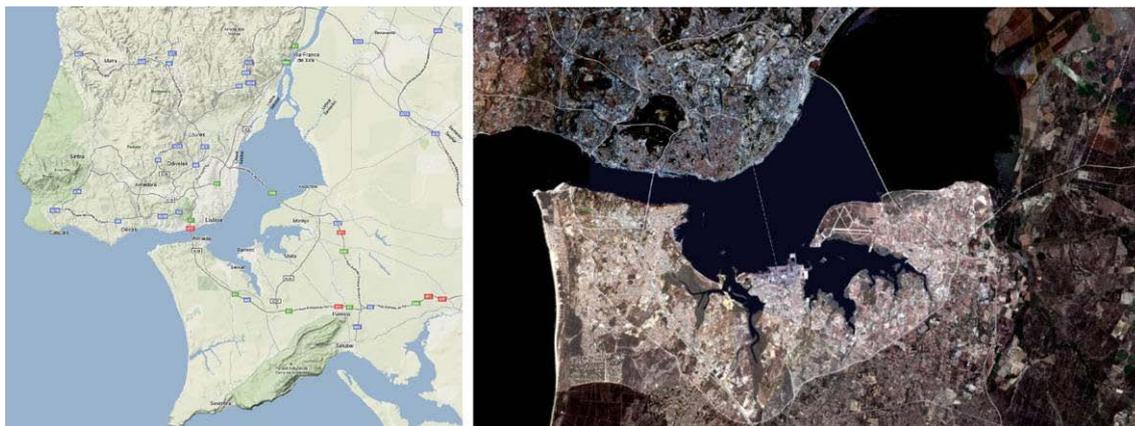


Fig. 5 Enquadramento Territorial da Margem Sul do Tejo e da unidade Arco Ribeirinho Sul (Fontes: Google Maps e <http://www.parqueexpo.pt/>)

estende desde a Fonte da Telha até Alcochete e que constitui a grande coroa urbana da margem sul do Tejo (Fig 2).

Neste território de carácter metropolitano cada vez mais complexo, desenharam-se oportunidades de futuros desenvolvimentos de grande escala - novo Aeroporto de Lisboa (Alcochete), comboio de Alta Velocidade (Linha Madrid-Lisboa), Terceira Travessia do Tejo (Ponte Barreiro-Chelas), Plataforma Logística (Poceirão) – que podem desencadear novos processos de transformação e crescimento.

Neste contexto, desenvolveu-se a partir de 2008 o projecto de regeneração “Arco Ribeirinho Sul” (Fig. 3), que parte do potencial de crescimento existente para propor uma concentração de acções perto de núcleos urbanos consolidados, aproveitando para isso o conjunto das antigas zonas industriais - Quimiparque (Barreiro), Siderurgia Nacional (Seixal) e Margueira (Almada).

O projecto, de carácter estratégico, apoia-se em algumas ideias estruturantes, tais como: a valorização da relação com o rio Tejo, a atracção e fixação de uma população jovem, ou o desenho de estruturas e espaços urbanos com forte qualidade física e funcional. Os efeitos da infra-estruturação e da localização foram considerados suficientes para protagonizar uma estratégia de “desenvolvimento sustentável e dinamização económica” com efeitos em toda a Área Metropolitana de Lisboa.

Entretanto, a crise internacional a partir de 2008 e as suas repercussões nacionais, mais marcadas a partir de 2010, geram instabilidades políticas e financeiras que limitam recursos e acentuam a queda de actividade económica (marcada em sectores como o imobiliário pela redução drástica da procura de novos esquemas residenciais), colocando o projecto numa situação de incerteza e possível inviabilidade. Finalmente em 2011, um conjunto de decisões políticas congelam o investimento nas grandes infra-estruturas, (nomeadamente as que alavancavam toda a operação) e anunciam a extinção do modelo de base ao projecto Arco Ribeirinho Sul.

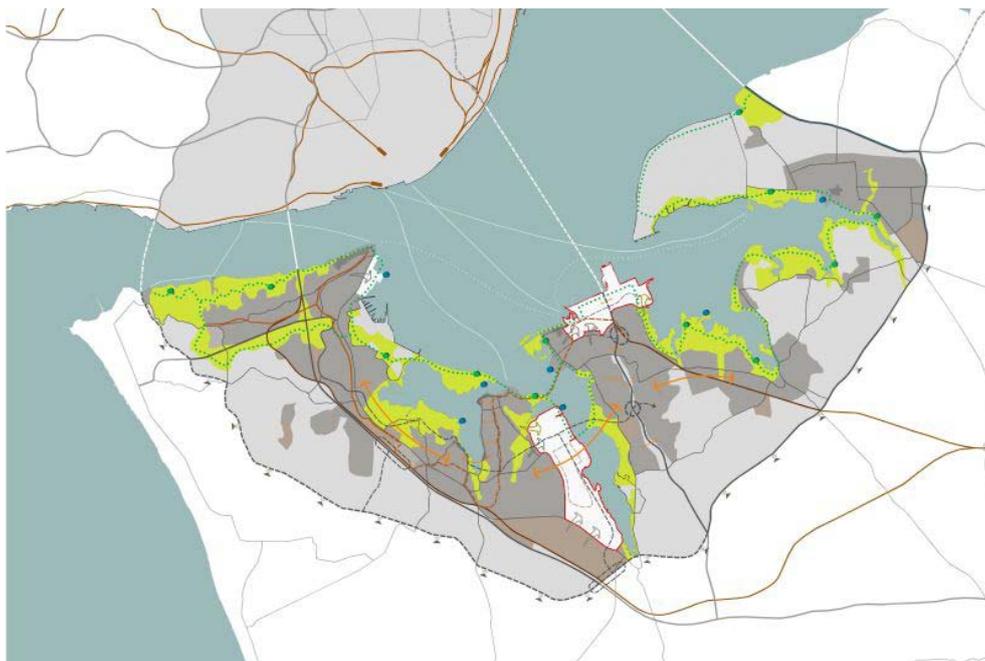


Fig. 6 Síntese da área de intervenção correspondente ao projecto "Arco Ribeirinho Sul"
(Fonte: <http://www.parqueexpo.pt/>)

Viabilidades da transição: cenários, oportunidades e diversidade

As instabilidades provenientes do sector económico e financeiro, assim como a indefinição e a comprovação da viabilidade do projecto mostram um contexto frágil e incerto. O sector imobiliário, que dez anos antes viabilizou a EXPO98 não é agora suficiente motor, com a retracção da procura, a abundância de oferta disponível e a localização excêntrica totalmente dependente das infra-estruturas agora suspensas, pelo que o projecto se afigura rodeado de factores adversos.

Mas considerando que numa visão estratégica, de longo prazo, estas tendências de transformação (poli-centrismo, reconversão de usos, diversificação de actividades) desenham caminhos possíveis e estruturados, podemos procurar o potencial da diversidade no território, colocando questões como:

- Quais as possibilidades de regeneração, da articulação de projectos de pequena duração/dimensão cuja viabilidade não dependa dum modelo homogéneo?
- Numa óptica de flexibilidade que elementos podemos encontrar neste território, que constituam pistas de uma transição, entre modelos?
- Que aspectos podem configurar, num contexto de transformação, a génese de uma identidade ribeirinha, de âmbito alargado e metropolitano?

Partindo de valores invariáveis, da paisagem, as suas potencialidades de produção, consumo e lazer, canais de mobilidade, ou a disponibilidade dos antigos espaços industriais... podemos identificar recursos de suporte para transições graduais.

1. O processo de desindustrialização na Margem Sul do Tejo, não conduziu ao aparecimento generalizado de um novo modelo de cidade, nem apagou vestígios anteriores - da mesma forma que a industrialização não substituiu totalmente os traços de ocupação rural tradicional. Embora muitos dos processos estejam

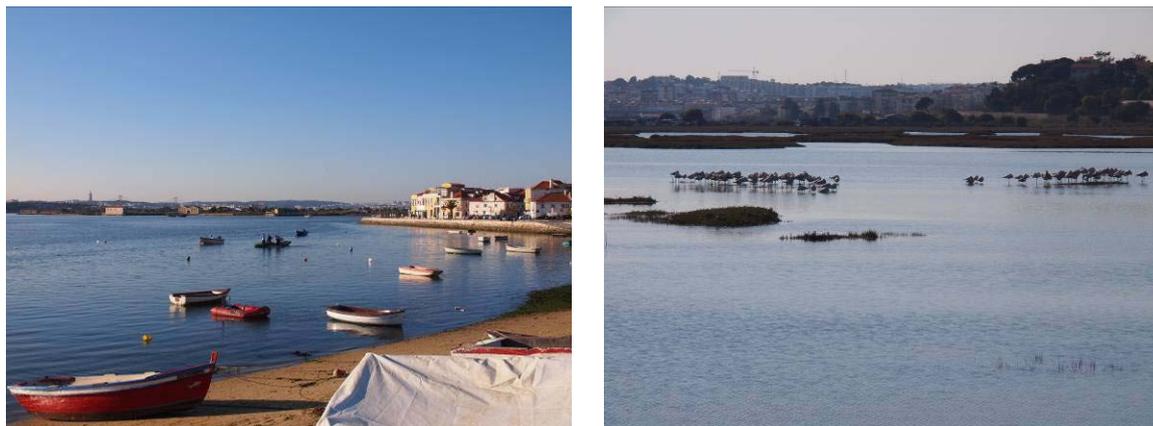


Fig. 7 Sapal de Corroios e Baía do Seixal - Aspectos diversos da paisagem na Margem Sul do Tejo
(Fonte: autora)

marcados por um carácter de suburbanização, as configurações territoriais são variadas:

- núcleos ribeirinhos históricos relativamente bem conservados,
- zonas urbanas consolidadas,
- bairros-dormitório com tipologias distintas,
- modelos residenciais turísticos,
- núcleos de habitação com problemas de exclusão social,
- zonas urbanas de construção clandestina em processo de requalificação,
- antigas áreas e complexos industriais,
- pequenos núcleos rurais em transição,
- ...

Esta diversidade de situações urbanas, tanto levanta incoerências e conflitos, como pode promover conexões e articulações múltiplas, particularmente no caso do espaço público, podendo ser geradores de centralidades, amenidades e factor de coesão (J.Pinto, A. Remesar, 2011).

2. A ocupação espacial da Margem Sul do Tejo, apesar de um carácter urbano forte é ainda muito marcada pela componente geográfica, paisagística e natural, com a especificidade de estuário e de interface entre vários territórios, onde a diversidade se relaciona com vários aspectos:

- os valores intrínsecos das paisagens naturais - esteiros, mouchões, sapais...
- a actividades radicadas e produtoras de paisagens - zonas agrícolas, salinas...
- a actividades piscatórias e os usos tradicionais do rio – pesca, viveiros, transporte...
- a cultura, o lazer e o turismo assentes no valores paisagísticos e culturais.

A possibilidade de desenvolver soluções de integração e valorização destes aspectos, pode constituir uma alternativa a modelos intensivos e “mono funcionais” de desenvolvimento. Por outro lado uma gestão temporal da paisagem, pode construir uma transição entre situações mantendo graus de flexibilidade e reserva de futuros disponíveis.



Fig. 8 Barreiro: relações entre a implantação industrial e o contexto urbano
(Fonte: <http://olharobarreirodeoutromodo.blogspot.com>)

3. A implantação industrial mantém traços visíveis na estrutura urbana, económica, social e cultural da Margem Sul, embora com matizes patentes. Às possibilidades evidentes (mas agora inoportunas) da reconversão dos usos (através de operações imobiliárias), podemos pensar noutras “explorações” do modelo industrial:

- aproveitamento de mão-de-obra qualificada, do *know-how* ainda existente,
- desenvolvimento de actividades produtivas variadas e qualificadas,
- disponibilidade de grandes parcelas de solo,
- construção de representações e discursos a partir património industrial (físico e cultural).

Neste aspecto concreto, podemos ter como exemplo o caso em transformação do *Poblenou*, com estratégias e dinâmicas sociais implicadas ou resultantes deste carácter industrial.

Na conjuntura actual, a natureza da **transição**, assim como as componentes da diversidade (existente ou promovida) não estão definidas num modelo claro. Como exercício, podemos a partir de alguns factores, simular uma variedade de cenários futuros para transições de tipo:

1. Prolongada

Uma hipótese de transformação que a aposta na restauração do modelo em decadência, prolongando a sua actividade temporal, baseada na persistência da identidade passada, agora baseada na construção de novas estruturas produtivas. Por exemplo, o investimento e atracção de actividades industriais pesadas ou aposta numa desmultiplicação em pequenas unidades fabris que permitam manter uma comunidade “operária qualificada” e uma identidade centrada na produção. Quais as possibilidades para recriar um parque industrial na Margem Sul do Tejo, articulado com algumas novas infra-estruturas e atracção de mão-de-obra ?

Neste caso, o aumento forçado da duração dum modelo em crise, produz uma homogeneização do espaço apenas centrada numa única expressão? E a falta de diversidade não retira adaptabilidade, fragilizando o modelo?

2. Substituição

Um caso de transformação extrema e rápida, em que o modelo anterior praticamente desaparece para dar lugar a uma “nova cidade” desenvolvida a partir

de novas lógicas. Os casos mais representativos são intervenções integradas em grandes eventos (exposições internacionais, eventos desportivos, etc.), ou acções com grande capacidade de investimento que rapidamente conseguem regenerar grandes áreas desqualificadas da cidade. Uma candidatura da Área Metropolitana de Lisboa para os Jogos Olímpicos de 2024, com as intervenções centradas nas margens do Rio Tejo, é viável numa situação de crise económica?

Uma mudança célere, com um novo modelo em tábua rasa, tipo EXPO98 é uma rotura temporal, desvinculada da identidade passada? O que pode resultar da substituição de uma homogeneidade / dominância por outra?

3. Sucessão

Uma mudança incremental de um modelo para o outro, em que durante um período alargado co-existem várias marcas passadas e possibilidades futuras. Uma operação parcial de transformação que conviva e tire partido das pré-existências paisagísticas, económicas e produtivas (agrícolas, industriais, artesanais...) pode potenciar novas interpretações de elementos passados. Qual o potencial de aproveitamento de velhas estruturas industriais para novos usos mais flexíveis, ou a reactivação de actividades tradicionais primárias com novos actores mais flexíveis e intervenientes?

Numa situação de sobreposição de ciclos, em transição simultânea, existe um acréscimo de diversidade? Ou podem as novas identidades em construção e relacionadas com o projecto urbano, acrescentar e promover a diversidade?

3. Conclusão: diversidade urbana - uma proposta de sistematização

É frequente nos nossos dias encontrar espaços urbanos que nos parecem ambíguos nas suas características, ou nos usos que proporcionam. Ao avaliar tais novos tipos, podemos reconhecer que Diversidade Urbana é um conceito que ganha aceitação, embora com diferentes significados.

No discurso corrente sobre a cidade contemporânea, podemos encontrar referências à “diversidade urbana” relacionadas com: variedade do espaço físico e dos elementos urbanos; misturas de usos do espaço, apropriações sociais ou “estilos de vida”; interacção de fluxos de mobilidade e informação; eventos, acontecimentos ou ciclos, etc.

Mas dado o contexto de transformação actual, com a complexidade e incerteza inerentes, podemos procurar na diversidade, os factores que facilitam e possibilitam a transição:

- A diversidade urbana acolhe, prepara ou estimula o inesperado?
- Depende da escala dos problemas ou da dimensão das obras?
- Gera hibridações, em novas identidades, ou em novos tipos de espaço urbano?
- Resulta de plataformas entre diferentes actividades, grupos, saberes, conhecimentos?

Uma valorização da diversidade urbana na gestão da incerteza pode ajudar a desenvolver estratégias para reduzir margens de incerteza:

- Não depender de uma única estrutura /forma / maneira, para sobreviver/ crescer,
- Partilhar atributos distintos / complementares / contraditórios,
- Ter maior capacidade / necessidade de adaptação e admitir escolhas sobrepostas,
- Ser mais “aberto” à diferença porque existem muitas coisas diferentes,
- Elaborar soluções distintas para o mesmo problema,
- Ter mais problemas resultantes das diferenças,
- Integrar mais actores e interesses nos processos,
- Necessidade de negociar e colaborar com outros,
- Preservar diferentes possibilidades de agir perante a incerteza.

O que podemos concluir e quais são os pontos em aberto, no âmbito do desenho urbano?

É fácil constatar que, se cresce a indeterminação diminui a capacidade operativa do plano, até se restringir ao quadro normativo da ocupação espacial. As dificuldades do planeamento, não são resolvidas nem apenas pela acção da estratégia, nem pelo projecto, deixando algumas dúvidas e espaços de reflexão:

- Como podemos (ao nível de plano, projecto, programa) admitir mais flexibilidade?
- Há uma ou várias identidades urbanas possíveis, na escala maior e diversa da cidade?
- Como tornar visíveis as diferenciações baseadas nas funções produtivas da cidade?

Observando as situações urbanas apontadas, como se podem afirmar diferentes identidades em simultâneo, nos períodos de transição? Em certos momentos e locais, poderemos inferir quais as condições necessárias, para manter opções e capacidades de evolução:

- da cidade rural para a comercial e para a industrial, com continuidades de paisagem;
- da cidade industrial para a pós-industrial conservando as funções produtivas, as identidades a diferentes escalas e os elementos críticos da “cidade global”.

Neste processo, destacamos o espaço público, como elemento de “software” da cidade, questionando a sua capacidade de desempenhar papéis estruturantes e estimulantes da diversidade em períodos de transição:

- Assegurando a **continuidade**, numa estrutura física permanente, em que a substituição de “peças” ou “grupos” não interfere com o sentido de pertença e de “localização”?
- Oferecendo uma base para o **diálogo** entre as transformações rápidas e os elementos passados, criando maiores relações e evitando tensões entre intervenções opostas (conservação-substituição)?
- Sendo ele o próprio **elemento em transformação**, como oportunidade de introdução de novos usos e práticas com efeito económico, promotoras de regeneração e re-apropriação do entorno urbano?
- Promovendo oportunidades de **interacção** entre diferentes actores, dando

resposta às necessidades variadas da comunidade e reforçando os aspectos afectivos e identificadores do espaço?

Podemos concluir, repondo o problema, que a evolução da cidade “Pós-Industrial” dependerá de cada processo de transformação, onde a gestão da incerteza possa garantir a diversidade de opções e possibilidades em aberto, privilegiando as acções no espaço público. Se não há um sentido único na transição dos modelos de cidade industrial, para os de uma cidade pós-industrial (tenha ela os atributos de “produtiva”, “criativa”, ou do “conhecimento”), poderemos entendê-la, também, quando o contexto não é de expansão mas de contracção, com diferentes opções, de coexistência e consenso?

Agradecimientos

Os autores agradecem o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), no âmbito da Bolsa de Doutoramento SFRH / BD / 69911 / 2010

Bibliografia

- ARRANZ, Manuel [et all] (1991) *El Poblenou: Més de 150 anys d'història*, Barcelona, Arxiu Històric del Poblenou
- ASCHER, François (1995), *Métapolis ou l'Avenir des Villes*, Paris, Éditions Odile Jacob.
- ASCHER, François (2004) *Les Nouveaux Principes de L'Urbanisme*. Editions de L'Aube.
- BAUMAN, Zygmunt (2001) *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar
- BORJA, Jordi; MUXÍ, Zaida (2003), *El Espacio Público: Ciudad y Ciudadanía*. Barcelona, Electa
- BORJA, Jordi; CASTELLS, Manuel (2004) *Local y Global. La gestión de las ciudades en la era de la información*. Madrid, Taurus
- BOURDIN, Alain (2011), *O Urbanismo depois da crise*, Lisboa, Livros do Horizonte
- BRANDÃO, Pedro (2004), *Ética e Profissões, no Design Urbano: Convicção, Responsabilidade e Interdisciplinaridade*, Tese para a obtenção do grau de doutor, Universidade de Barcelona.
- BUSQUETS, Joan (1992). *Barcelona. Evolución urbanística de una capital compacta*, Madrid: Editorial MAPFRE
- CARMONA, Matthew (et al.) (2003) *Public Places, Urban Spaces*, Architectural Press, Oxford.
- CASTELLS, Manuel (2003), *A era da informação : economia, sociedade e cultura. Vol I A sociedade em rede*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian
- FLORIDA, Richard. (2002). *The rise of the creative class—and how it is transforming leisure, community and everyday life*. New York, Basic Books
- HABERMAS, Jurgen (1997) *L' Espace Publique – Archéologie de la Publicité comme dimension constitutive de la société bougeoise*, Paris, Payot
- HARVEY, David (2004), *The condition of Postmodernity*. Oxford, Blackwell Publishing
- INNERARITY, Daniel (2006), *El Nuevo Espacio Publico*. Madrid, Espasa Hoy
- KOOLHAAS, Rem (2006), *A Cidade Genérica*. 2ª Edição. Barcelona, Gustavo Gili
- LANDRY, Charles (2000), *The Creative City: A toolkit for urban innovators*, London, Earthscan
- LEFEBVRE, Henri (1974) *La production de l'espace*, Paris, Anthropos
- LYNCH, Kevin (1976) *What time is this place?*, Cambridge MIT Press
- MARRERO GUILLAMÓN, Isaac (2003) “¿Del Manchester Catalán al Soho Barcelonés? La Renovación del Barrio del Poblenou en Barcelona y la cuestión de la vivienda.” in *Scripta Nova Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, Universidad de Barcelona Vol. VII, núm. 146, 1 de agosto de 2003 disponível em [[http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-146\(137\).htm](http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-146(137).htm)]

- MUÑOZ, Francesc (2008), *urBANALización. Paisajes comunes, lugares globales*, Barcelona Gustavo Gili
- OLIVA, Antoni (2003) *El districte d'activitats 22@bcn*, Model Barcelona, Quaderns de gestió, 15, Barcelona, Aula Barcelona
- PINTO, Ana, REMESAR, Antoni (2011), *Public space networks: a support for urban diversity*, Open House International: Urban Space Diversity, 37 #2, (em fase de publicação)
- PORTAS, N.; DOMINGUES, A. e CABRAL, J. (2007). *Políticas urbanas – Tendências, estratégias e oportunidades*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- PORTAS, Nuno (2003) “El Surgimiento del Proyecto Urbano”. *Perspectivas Urbanas nº3*, Disponível em <http://www.etsav.upc.es/urbspersp/num03/art03-2.htm>
- REMESAR, Antoni; POL, Enric (2000) “Civic Participation Workshops in Sant Adrià de Besòs: A creative Methodology” in S. Bennett, J. Butler (eds) *Locality, Regeneration and Divers(c) ities: Advances in Art and Urban Futures Volume 1* Intellect Books, Bristol
- ROGERS, Richard (coord.) (1999), *Towards an urban renaissance*. Londres, Urban Task Force.
- SASSEN, Saskia (1991) *The Global City*. Princeton, Princeton University Press
- SECCHI, Bernardo (2007) *Primeira lição de urbanismo*. São Paulo: Perspectiva
- SORKIN, Michael (ed) (1994) *Variations on a theme park*. Nova Iorque: Hill and Wand
- TATJER, Mercè (2008) “El Patrimonio Industrial de Barcelona entre la destrucción y la conservación, 1999-2008” in *Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, Universidad de Barcelona Vol. XII, núm. 270, 1 de agosto de 2008 disponível em [<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-270/sn-270-140.htm>]

Documentação de referência para os exemplos:

Arco Ribeirinho Sul

- Parque Expo [<http://www.parqueexpo.pt>]
- Plano Regional de Ordenamento do Território da Área Metropolitana de Lisboa, (2002), Disponível em <http://www.ccdr-lvt.pt/pt/prot/1267.htm>
- Documentos de apoio à Revisão do Plano Regional de Ordenamento do Território da Área Metropolitana de Lisboa (2009), Disponíveis em <http://consulta-protaml.inescporto.pt/plano-regional>
- “Resolução do Conselho de Ministros n.º 137/2008” publicado no Diário da República, 12 de Setembro de 2008 Disponível em <http://www.dre.pt/pdf1s/2008/09/17700/0665206654.pdf>
- “Projecto Do Arco Ribeirinho Sul - Documento Estratégico”, Disponível em http://www.maotdr.gov.pt/Admin/Files/Documents/Relatorio%20resumido_Projecto%20Arco%20Ribeirinho%20Sul_RCM.pdf

Projecto 22@Barcelona

- Projecto 22@Barcelona [<http://www.22barcelona.com/>]
- AJUNTAMENT DE BARCELONA (2000) Modificació del PGM per les àrees industrials del Poblenou – Districte d'activitats 22@ –. Text Refós, Ajuntament de Barcelona, Barcelona
- AJUNTAMENT DE BARCELONA (2009) 22@Barcelona: Estado de Ejecución, Ajuntament de Barcelona, Barcelona,
- AJUNTAMENT DE BARCELONA (2010) Presentación: 22@Barcelona el distrito de la innovación, Ajuntament de Barcelona, Barcelona,